

Itamarati tenta desmontar a crise

Brasília — O subsecretário de Assuntos Políticos do Itamarati, embaixador Ronaldo Costa, chegará no dia 26 a Washington para iniciar uma série de consultas e conversas no Departamento de Estado visando a desarmar a crise que vai emergindo nas tensas relações entre Brasil e Estados Unidos. O porta-voz do Itamarati, ministro Rui Nogueira, se recusou ontem a comentar o atual estágio das relações entre os dois países.

O ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, tem sido reticente ao comentar o assunto e ontem limitou-se a informar que anunciaria hoje o nome do chefe da Delegação Brasileira que irá a Paris negociar com os norte-americanos a reserva de mercado na área de informática — assunto que irrita o governo dos Estados Unidos e coloca o Itamarati sob pressão. E hoje, no Banco Mundial, em Washington, será discutida a concessão de empréstimo de US\$ 500 milhões para projetos agrícolas brasileiros. Os norte-americanos estão contra a concessão do empréstimo — segundo informações correntes no governo brasileiro.

O ministro do Planejamento João Sayad procurou uma saída hábil para não comentar o assunto, uma vez que empréstimo do Banco Mundial para a agricultura e destinado ao setor elétrico brasileiro, também de 500 milhões de dólares, estão sob a direta observação do

Ministério do Planejamento. “Qualquer declaração, neste momento, poderá atrapalhar as negociações que estão em curso, porque está tudo em paz nas relações entre Brasil e Estados Unidos”, disse o ministro.

No primeiro empréstimo, os senadores norte-americanos trabalham em favor dos agricultores de seu país, contrários ao financiamento da agricultura em outro país do mundo. No caso do empréstimo ao setor elétrico, há uma série de questões sobre o baixo preço da tarifa no Brasil.

No entanto, os funcionários diretamente envolvidos na negociação com os Estados Unidos observam que hoje na área comercial tudo está vinculado: exportação de sapatos, suco de laranja, participação no mercado brasileiro de informática e de videocassete são itens do intercâmbio comercial sob severo questionamento nos Estados Unidos. E por essa razão que o governo de Washington decidiu enviar à reunião de Paris Clayton Yeutter, que tem nível de ministro, e trabalhar especificamente com problemas de comércio internacional.

O governo brasileiro tentou “empurrar com a barriga” — de acordo com a expressão de um ministro de Estado — a negociação sobre informática, mas a pressão norte-americana foi muito forte e a reunião de Paris passou a se constituir

numa realidade. Um executivo de um dos maiores bancos dos Estados Unidos, que esteve em Brasília esta semana, foi sucinto na observação do problema: o Brasil deveria começar a agir como um país maduro, dono da oitava maior economia do mundo. Os brasileiros estão esperando demais, chorando muito, sem perceber a importância que já têm no mercado internacional. Negociar assuntos, como o problema de informática, faz parte de um processo natural de ajustamento entre Brasil e Estados Unidos, mas não se deve negociar o problema em ambiente de crise.

O desabafo do banqueiro norte-americano ocorreu ao longo de um jantar informal numa residência em Brasília. Um dos interlocutores presentes, um embaixador brasileiro com larga experiência internacional, fulminou: os Estados Unidos estão sempre argumentando que o Brasil é a oitava economia do mundo, mas criam dificuldades cada vez maiores para o desenvolvimento econômico do país. Temos informações de que os americanos estão trabalhando contra os nossos interesses nos dois empréstimos que estão sendo analisados neste momento pelo Banco Mundial.

A conversa parou por aí porque os dois personagens passaram a tratar de assuntos mais amenos e a relação Brasil e Estados Unidos não comporta, no momento, amenidade alguma.